

Edgar Allan Poe e Machado de Assis: estranhamento e sedução da cidade

Ana Maria Lisboa de Mello

PUCRS



RESUMO – A cidade, principalmente no século XIX, deixa de ser apenas cenário de textos ficcionais e passa a ser tema das produções literárias. “O homem da multidão”, de Edgar Allan Poe, é precursor no que diz respeito a esse novo olhar sobre a cidade. Este ensaio propõe o diálogo entre o texto de Poe e o conto “Só!” de Machado de Assis.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; Machado de Assis; Cidade

ABSTRACT – The city, especially in the nineteenth century, is not only the setting of a tale, but also the main theme of a literary production. “The man of the crowd”, by Edgar Allan Poe is the precursor when the subject is this new treatment of the city. The present paper aims to establish a dialogue between Poe’s tale and the short-story “Só!” by Machado de Assis.

Keywords: Edgar Allan Poe; Machado de Assis; City

A cidade como escrita literária é uma cidade em fragmentos, diferente a cada olhar que a capta, de forma que, à cidade histórica, datada, resultado do trabalho coletivo humano, se sobrepõem cidades projetadas pelas obras de arte literária. Essas cidades imaginárias, simbólicas, traduzem formas e ângulos de apreensão do real pelo homem, relativamente à mesma cidade, ao mesmo momento histórico. É por isso que se pode falar de uma Paris de Honoré de Balzac, projetada em *O pai Goriot* (1835), outra de Eugène Sue, em *Os mistérios de Paris* (1842-1843) e aquela configurada em *Os miseráveis* (1862) de Victor Hugo.

Na escrita literária, a cidade é símbolo, expressão polissêmica da sensibilidade do homem face às circunstâncias que o envolvem, de tal forma que, quando o real se torna distante do ideal, o escritor sonha espaços, sociedades utópicas, como o faz Italo Calvino em *As cidades invisíveis*. Fato de linguagem, a obra de arte literária expõe o confronto do escritor com o seu tempo, é um testemunho do momento histórico, não pela referência a fatos comprováveis, mas pela repercussão que esses fatos imprimem na interioridade do sujeito, revelada em discurso. Conforme observa Renato Cordeiro Gomes: *O texto é o relato sensível de formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado de existências hu-*

manas.¹ O olhar do escritor ilumina o real, deformando-o, ou seja, livrando-o do automatismo da visão cotidiana, procedimento que implica também a desautomatização do olhar do leitor.

A consciência do urbano em oposição ao rural foi progressivamente se fortalecendo no Ocidente, à medida que aumentou o número de cidades, com a população aumentando e vivendo problemas próprios das aglomerações urbanas. Entre esses, estão aqueles que acarretam problemas para a saúde do homem – doenças coletivas, pestes, ligadas a questões de higiene pública – bem como a conflitos que vão surgindo pela proximidade entre os homens, desencadeando lutas por poder, propriedades e outros interesses. A literatura produzida em cada época reflete essas mudanças, bem como as lutas e dificuldades enfrentadas pelo homem no ambiente citadino; em alguns textos, esse testemunho é lançado pelo olhar de um viajante que, não condicionado à rotina da cidade, olha-a sob ângulos novos, inusitados.

Com o crescimento urbano, as cidades tornam-se o refúgio dos fora-da-lei e dos miseráveis, conforme nos demonstra Bronislaw Geremek, no livro *Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia* (1400-1700). O crescimento do número de cidades enseja uma literatura que apresenta as classes marginalizadas

¹ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 24.

da sociedade, a partir, principalmente, da Idade Moderna. Conforme Geremek, no século XIV, uma série de acontecimentos desfavoráveis, entre os quais a Peste Negra e as fases de contágios posteriores, prejudicam o equilíbrio econômico.² A peste causa a morte de um terço da população dos países por onde passa no ocidente europeu, provocando uma grande catástrofe demográfica, acompanhada da crise econômica. Na Europa Central e Oriental, menos atingidos pela epidemia, observa-se *sintomas de um intenso desenvolvimento*.³

No final da Idade Média e início da Moderna, a carência de alimentos afeta as populações rurais que se veem obrigadas a deixar o campo e procurar as cidades. Dispondo de estoque de mantimentos, as cidades podiam temporariamente oferecer ajuda à população esfomeada que ocupa praças e ruas. Já naquelas que fecham as suas portas, os miseráveis não têm outra alternativa senão a de ficarem junto a elas, do lado de fora das muralhas, esperando trabalhos ocasionais ou esmolas dos passantes.

O certo é que a urbanização na Europa acontece a passos lentos, de forma que as pequenas cidades não têm estrutura para acolher a massa de imigrantes rurais.⁴ E esse quadro estende-se ao longo da Idade Moderna. Vagabundos e miseráveis incomodam tanto os governantes que, no século XVII, a monarquia francesa adota medidas severas contra esses tipos, praticando atos que iam desde a repressão policial até a reclusão dos pobres no *Hôpital Général*, medidas que se estenderam a outras cidades francesas.⁵

Esse contingente de miseráveis dá origem a uma literatura popular que enseja o surgimento de heróis lendários, como o inglês Robin Hood, chefe dos fora-da-lei que, escondidos na floresta de Sherwood, em contraposição à cidade, surpreendem os viajantes, atacando-os com arco e flecha para roubar-lhes ouro e jóias.

Aquilo que hoje chamamos de “cidade moderna” é a cidade que surge a partir da Revolução Industrial, alavanca da supremacia do capitalismo burguês sobre a antiga sociedade aristocrata. Com a Revolução Industrial, as cidades crescem sem ter estrutura para abrigar o grande contingente de trabalhadores atraídos pelo novo mercado de trabalho, aberto pela indústria. A tal ponto se dá esse crescimento, que, em 1831, Londres tem um milhão e meio de habitantes. Paris atinge um milhão e duzentos mil na metade do século XIX, dobrando a população em um período de 50 anos, a contar da Revolução Francesa.⁶

É, principalmente, no século XIX, que cidade moderna, com seus labirintos e bifurcações, deixa de ser apenas um cenário – pano de fundo dos acontecimentos ficcionais – para se tornar o próprio tema do texto literário, objeto das reflexões dos narradores e protagonistas das narrativas ou do sujeito lírico dos poemas. A complexidade da vida urbana será, então, assunto de muitos romances cujo

espaço diegético principal é o da grande cidade, espaço que ganha, em alguns casos, o estatuto de personagem, tais como nas narrativas *Ferragus* (1833), de Balzac, e *Um conto de duas cidades* (1859), de Charles Dickens. A presença da multidão nas ruas de Paris e Londres vai ser o foco de observação dos escritores e seus contemporâneos, sendo vista como um *acontecimento inquietante*.⁷

Um conto que tem sido tomado como precursor desse olhar sobre a grande concentração populacional urbana, objeto de reflexão do teórico Walter Benjamin, entre outros, é “O homem da multidão”, de Edgar Allan Poe. A narrativa conta a história de um homem que, cansado do isolamento, depois de um período de reclusão por doença, num fim de tarde de outono, instala-se *ante ... a grande janela do Café D...*⁸ (no original, D – Coffee-House),⁹ em Londres, para ler um jornal e se distrair um pouco, ora observando *a promiscua companhia reunida no café*, ora *espreitando a rua através das vidraças enfumaçadas*. Ao aproximar-se a noite, o narrador contempla a multidão, com seu burburinho, e então se dá conta de que nunca tinha feito observações desse tipo. De início, ele lança olhares vagos aos passantes, sem se deter nos detalhes, depois começa a descer aos pormenores, vendo o traje, porte, semblante e expressão fisionômica dos transeuntes. Percebe, então, como as fisionomias revelam as diferenças pessoais, as inquietações internas. Uns têm aspecto *prazerosamente comercial*, e a pressa dos homens de negócios, preocupados em rapidamente abrir caminho através da turba. Outros, em número maior, são irrequietos, de rosto enrubescido, resmungando e gesticulando consigo mesmos e, ao mesmo tempo, curvando-se em desculpas, quando alguém os acotovela, demonstração (assim interpretamos) do seu sentimento de inferioridade. Percebe as duas grandes classes de pessoas: de um lado, nobres, comerciantes, procuradores, de outro, os *lugares-comuns da sociedade*.¹⁰ Reconhece, também, na multidão, a classe dos funcionários, subdividida em duas: a dos pequenos e jovens funcionários de firmas *transitórias* e a dos categorizados funcionários de firmas respeitáveis. Identifica a *raça dos batedores de carteira*, que infestam todas as grandes cidades, os *jogadores* – facilmente identificáveis pelos trajes – os *atrevidos mendigos profissionais*, os *débeis inválidos*, as

² Id., *ibid.*, p. 74.

³ GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia (1400-1700)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 18-9.

⁴ Id., *ibid.*, p. 19.

⁵ Id., *ibid.*, p. 20.

⁶ Id., *ibid.*, p. 28.

⁷ BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Tudo é história; 52). p. 10.

⁸ POE, Edgar Allan. “O homem da multidão” In: *Os melhores contos*. São Paulo: Circulo do Livro, s.d. p. 130-38.

⁹ Cf. POE, Edgar Allan. *The fall of the house of Usher and other writings*. London: Penguin Books, 1986. p. 179.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 131.

mulheres jovens e belas, furtando-se aos olhares cúpidos dos rufiões, entre outras figuras que o observador vai esquadrinhando.

O narrador-observador descrevendo, desse modo, o cenário que se descortina da janela do bar onde se encontra, revela-se, no discurso, um analista cuidadoso do ser humano. Mostra-se capaz de deduzir a forma de vida e o mundo interno de cada transeunte que passa diante de sua janela, através de seu aspecto exterior, bem como apresenta, ao seu leitor, imagens nítidas do burburinho da cidade grande no século XIX. À medida que avança a noite, sente mais interesse pela cena, até que, subitamente, vê um semblante que, de imediato, atrai fortemente a sua atenção. Trata-se de um *velho decrepito, de uns sessenta e cinco anos de idade*, cujas faces, lembrando a figura do Demônio, sugerem ao observador, em um primeiro exame, associações paradoxais, tais como *vasto poder mental, cautela, indigência, avareza, frieza, malícia, triunfo, jovialidade, excessivo terror, intenso desespero*.¹¹ Impelido pelo desejo de saber mais sobre aquele homem, veste rapidamente o casaco e sai para rua ao seu enalço até encontrá-lo no meio da multidão. Mais tarde, uma chuva pesada *amortalha a cidade* e, junto à multidão, a *agitação, os encontros e o zunzum* aumentam. A certa altura, o estranho homem deixa a grande avenida e entra por uma travessa, onde o número de pedestres se reduz. Passa, então, a caminhar de modo mais lento e menos intencional do que antes. Atravessa repetidas vezes a rua, sem objetivo aparente. Assim que desemboca em uma praça cheia de gente, o rosto do velho assume a expressão antiga: o queixo caído sobre o peito, os olhos inquietos, o cenho franzido, espreitando todos os que o acoçam. Após dar a volta na praça, ele repete o mesmo itinerário que acabara de percorrer, depois se afasta para o *mais esquálido bairro de Londres*, que exibe *a marca da mais deplorável das pobreza e do mais desesperado dos crimes*.¹²

Nesse ponto do conto, o narrador se detém nas descrições da população que habita e frequenta a periferia londrina e do aspecto da cidade nessa região: pouca iluminação, prédios construídos com *madeiras já roídas de vermes*, mau cheiro dos esgotos. O velho misterioso continua a caminhar, retorna ao coração da metrópole, o dia amanhece, novamente a tarde cai e, quando se aproximam novamente as trevas da segunda noite, o narrador-protagonista desiste de persegui-lo, concluindo que não adianta mais fazê-lo, porque nada mais saberá sobre ele e *a respeito de seus atos*. As palavras finais do narrador resumem a sua compreensão a respeito do velho misterioso e sua relação com a cidade: – *Esse velho é a encarnação, o gênio do crime – disse a mim mesmo por fim. – Ele não pode estar só; ele é o homem da multidão*.¹³

Conforme Pierre Sansot, em *Poétique de la ville*, a deambulação noturna na cidade é uma espécie de busca de si-mesmo:

Caminhar na cidade, pela noite, até o esgotamento ou até que a aurora nos retire das ruas. O homem preocupado e confuso experimenta a necessidade de liberar, ao longo de um itinerário, aquilo que o oprime e parece que disso ele obtém um duplo benefício. Aquilo que o atormenta, até imobilizá-lo e até impedi-lo de respirar, vai ganhar em vastidão, tornando-se, portanto, menos tormentoso. *É preciso deixar o sofrimento alçar um certo vôo* para que ele se erija sobre nós com menos cólera e para que ele nos acompanhe com uma aparência de discrição. Logo, a situação se reverte. [...] A esse benefício moral, junta-se um ganho no campo do conhecimento. A dor suportada entre paredes ficaria mais difusa, confusa. Parece que, para conhecê-la com exatidão, *é preciso desdobrá-la e articulá-la em seu espaço próprio*.

O *homem da multidão*, em Poe, recusa-se a estar só, mas ao mesmo tempo é profundamente solitário e parece tomado pela loucura. Teria enlouquecido em consequência do crescimento da cidade e dos males decorrentes? Na análise desse conto, Walter Benjamin observa que o homem da multidão *sente-se inseguro na sociedade em que vive*, e estar na turba é sua forma de se esconder no labirinto citadino. Na narrativa, a multidão e a cidade são de tal modo observadas, avaliadas nas suas condutas e formas de expressão, que alcançam quase um estatuto de personagem envolvido na trama dos acontecimentos.

Contemplada em seus detalhes, a cidade pode ganhar uma espécie de “individualidade” que a particulariza, a par de elementos comuns com outras cidades do mesmo porte, observação que endossa aquilo que disse Marcel Proust a respeito da topologia: *há alguma coisa de individual nos lugares*.¹⁴ Observa Georges Poulet que Proust sempre retorna à questão da *individualidade dos lugares* – *tanto os lugares sonhados pelo pensamento onírico e mítico, quanto aqueles percebidos na experiência sensível e revistos mais tarde na lembrança*.¹⁵

Em “O homem da multidão”, os detalhes da observação traduzem-se em imagens que revelam o confronto do mundo interno dos protagonistas, incluindo transeuntes anônimos, com o espaço londrino em seus vários ângulos, conforme o bairro, as ruas e as diferentes horas do dia. Essa perspectiva descortina, aos olhos do leitor, a inquietante paisagem citadina da metade do século XIX – um cenário que muitas vezes leva a associar a cidade ao inferno, conforme as palavras de Shelley: *o inferno é uma*

¹¹ Id., *Ibid.*, p.134.

¹² Id., *ibid.* p. 137.

¹³ Op. cit., nota 8, p.138.

¹⁴ PROUST apud POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.38.

¹⁵ POULET, id., *ibid.* p. 38.

*cidade semelhante a Londres, uma cidade esfumaçada e populosa. Existe aí todo tipo de pessoas arruinadas e pouca diversão, ou melhor; nenhuma, e muito pouca justiça e menos ainda compaixão.*¹⁶

Na segunda metade do século XIX, Machado de Assis retoma, através de uma relação intertextual, a narrativa de Poe no conto intitulado “Só!” (1885). Vejamos:

Um grande escritor, Edgar Poe, relata, em um de seus admiráveis contos, a corrida noturna de um desconhecido pelas ruas de Londres, à medida que se despovoam, com o visível intento de nunca ficar só. ‘Esse homem, conclui ele, é o tipo e o gênio do crime profundo; é o homem das multidões’.¹⁷

Se o *homem da multidão*, foco do olhar e da perseguição do narrador-observador em Poe, espécie de detetive que segue o transeunte para descobrir o seu segredo, parece ter perdido o contato consigo mesmo e, atormentado e enlouquecido, não consegue parar de andar pela cidade – do centro para periferia e vice-versa – o protagonista do conto machadiano teme enlouquecer com a solidão e o abandono da cidade. Segundo o narrador, contrapondo-se ao protagonista de Poe, a personagem Bonifácio *não era capaz de crimes, nem ia agora atrás de lugares povoados, tanto que vinha recolher-se a uma casa vazia.*¹⁸

Bonifácio, homem vezeiro em frequentar a rua do Ouvidor, onde recolhia notícias, boatos, movimentos políticos nos ministérios, põe em sua cabeça, certo dia, a ideia de imitar um “esquisitão”, que mora perto do Jardim Botânico, chamado Tobias, espécie de filósofo que teria estudado em Coimbra. Tobias tem o hábito de desaparecer da cidade por uns dois meses e vive com um único escravo a quem proíbe que fale. Esse retiro insólito faz com que seja visto como “maluco”; alguns acham que tinham *grande instrução e rara inteligência, ambas inutilizadas por um ceticismo sem remédio.*¹⁹ Interpelando o “filósofo” sobre como se sente com seu hábito *de reclusões tão longas e absolutas*, Bonifácio obteve a seguinte resposta:

– [...] Trago um certo número de idéias; e, logo que fico só, divirto-me em conversar com elas. Algumas vêm já grávidas de outras, e dão à luz cinco, dez, vinte e todo esse povo salta, brinca, desce, sobe, às vezes lutam umas com outras, ferem-se e algumas morrem; e quando dou acordo de mim, lá se vão muitas semanas.²⁰

Ao contrário de Tobias, Bonifácio *faz da sociedade a sua família*. Convive harmoniosamente com todos, parceiros para todas as ocasiões e confidente discreto, sobretudo das mulheres. Dias depois do diálogo com o “esquisitão”, foi desocupada uma das casas de Bonifácio, em Andaraí, e ele decide recolher-se para ver se é possível achar *algum sabor na monotonia*.

Na solidão da casa, ele reencontra o seu passado, inclusive a imagem de Carlota, lembrança que aviva um relacionamento frustrado, do qual restam apenas uma mecha de cabelos e um pequeno bilhete, encontrados no fundo de uma gaveta da casa. No ato de recordar: *Reviveu o amor e a carruagem, – a carruagem dela, – os ombros soberbos e as jóias magníficas, – os dedos e os anéis, a ternura da amada e a admiração pública...*²¹ Chega a imaginar que Carlota surge de repente na sua casa e chegam aos seus ouvidos *retalhos de frases*, que não são nada mais do que *ecos da memória*. O silêncio aflige Bonifácio, mais do que a solidão, conforme informa o narrador. Essa aflição revela-se na dificuldade em ler, na impaciência com tudo. Na sua rememoração solitária, Bonifácio recompõe toda a vida passada, e é essa pausa que desencadeia a sua aflição, deixando nítida a noção de que o burburinho da cidade costuma anestesiar o sofrimento, diluir as perdas e não dar espaço para a reflexão.

Bonifácio perde, então, a noção das horas, tenta jogar paciência para se distrair e escapar às recordações que insistiam em retornar, enquanto lá fora a chuva não cessava. Pensa no que estaria acontecendo na cidade enquanto ele está recluso: *Nada de jornais: parecia-lhe já um século que estava separado da cidade.*²² E o retiro começa a se afigurar como uma prisão: *A solidão, como paredes de um cárcere misterioso, ia-se-lhe apertando em derredor, e não tardaria a esmagá-lo.*²³ Dividido entre dois – o que queria cumprir o plano de isolamento e o que gostaria de voltar de imediato para a cidade – Bonifácio, deixando de lado o amor-próprio, retorna para a cidade:

Eram três horas da tarde, quando ele resolveu deixar o refúgio. Que alegria, quando chegou à rua do Ouvidor! Era tão insólita que fez desconfiar algumas pessoas; ele, porém, não contou nada a ninguém, e explicou Iguacu como pôde.

A epígrafe do conto machadiano, retirada do Salmo LIV, versículo 8, do Antigo Testamento, aponta, no seu contexto, para os males da cidade e para a necessidade de fugir para um lugar deserto, longe da balbúrdia, da violência e da discórdia cidadinas. Diz o texto bíblico: *[...] só vejo violência e discórdia na cidade.*²⁴ Ao mesmo tempo, o sujeito da escrita bíblica revela suas angústias,

¹⁶ SHELLEY apud BRESCHIANI, Maria Stella M. op. cit. nota 6, p. 22.

¹⁷ MACHADO DE ASSIS. “Só!”. In: *Machado de Assis: contos. sel.*, introd., notas de John Gledson, São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 2. p. 264.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 264.

¹⁹ Id., *ibid.*, p. 265.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 265.

²¹ Id., *ibid.*, p. 268.

²² Id., *ibid.*, p. 271.

²³ Id., *ibid.*, p. 272.

²⁴ BÍBLIA SAGRADA. Trad. dos originais dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Ed. Ave Maria, 1957. p. 708.

o terror e o medo e o desejo, que explicam o desejo de voar como uma pomba para um lugar de repouso.²⁵

A ironia machadiana constrói-se, portanto, na oposição entre impulsos opostos do protagonista: o de retirar-se da cidade para meditar, longe de seus males, e de correr para a cidade para apreciar seu burburinho e fruir dos apelos da vida exterior. Por outro lado, em diálogo com o conto de Edgar Allan Poe, Machado contrapõe o “gênio do crime” londrino, desvairado pelas ruas da sua populosa cidade, ao ingênuo e simples Bonifácio, com um capital intelectual exíguo.

Ao retornar para a cidade, o protagonista do conto machadiano reencontra o “filósofo” Tobias que lhe aponta o que precisava ter levado para o seu refúgio: “– *Quer saber? Você esqueceu-se de levar o principal da matalotagem, que são justamente as idéias...*”.²⁶

Machado de Assis viveu de 1839 a 1908 na então capital brasileira, e ali assistiu às suas principais transformações. O Rio de Janeiro é o pano de fundo de diferentes narrativas, sendo que muitas delas focalizam a rua do Ouvidor, estreita via pública, localizada no centro da cidade, *locus* dos falatórios, das notícias, da moda. Na narrativa “O caminho de Damasco” (1871), de *Histórias românticas*, Machado descreve o movimento da Rua do Ouvidor:

A rua do Ouvidor tinha então o movimento do costume. Gente parada em frente ou sentada dentro das lojas, gente que descia, que subia, homens, senhoras, de quando em quando uma vitória ou um táluri, tudo isso dava à principal rua do Rio de Janeiro um aspecto animado e luzido. Viam-se aqui e ali alguns deputados, trocando notícias políticas e conquistando as senhoras que passavam, coisa muito mais deliciosa que uma discussão a respeito do orçamento da guerra, assunto em que, nesse momento, estava falando o respectivo ministro na Câmara. Também ali estava uma grande

parte da áurea juventude, – *la jeunesse dorée*, – comentando o acontecimento do dia ou encarecendo a beleza da moda.²⁷

A antiga Capital brasileira descortina-se, nos contos machadianos, em diversos bairros, como Santa Teresa, Glória, Catete, Laranjeiras, Flamengo, Gamboa, Andaraí, entre outros,²⁸ que são cenários das deambulações das personagens, tais como Deolindo, de “Noite de Almirante”,²⁹ Elisiário, do conto “Um erradio”,³⁰ Camilo, da narrativa “A Cartomante”.³¹ Machado assiste à iluminação por bicos de gás desde 1954³² e, no âmbito dos transportes, à passagem dos bondes puxados a burro aos primeiros bondes elétricos que começam a circular, na Capital, em 1898, motivo por que sua obra pode ser uma fonte para delinear uma cartografia da cidade do Rio de Janeiro, pano de fundo de seus contos, crônicas e romances.

O Rio de Machado é ainda uma cidade sem a complexidade e a dimensão de Londres, que sofreu os impactos da Revolução Industrial, tais como a aglomeração e a precária infraestrutura urbana. Ao estabelecer uma intertextualidade com o conto de Poe, Machado põe em contraste, os dois espaços citadinos, com suas especificidades, e os dois personagens – o “homem da multidão” e Bonifácio. O caminhante londrino parece o “gênio do crime”, na sua misteriosa e enlouquecida conduta, marcada pela recusa em abandonar as ruas daquele complexo espaço urbano; o *bon vivant* brasileiro, com uma vida ociosa e inofensiva, está harmonizado com a cidade ainda pacata, desfrutando do prazer que a sua condição social lhe permite e rejeitando a possibilidade de estar só e de refletir.

Recebido: 20.05.2009.

Aprovado: 30.05.2009.

Contato: <ana.lisboa@puers.br>

²⁵ Id., *ibid.*, p. 708.

²⁶ Op. cit., nota 18, p. 272.

²⁷ Cf. CARRER, Aline (Org.). *Rio de Assis*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

²⁸ MACHADO DE ASSIS. O caminho de Damasco. In: *Histórias românticas*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W.M. Jackson, 1957. p. 131-132.

²⁹ Op. cit., nota 18, p. 174.

³⁰ Op. cit., nota 18, p. 407.

³¹ Id., *ibid.*, p. 254.

³² Cf. CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. v. 2. p. 455.